

S. GERALDO E A REFORMA LITURGICA EM BRAGA

Elementos de ordem liturgico musical

Jorge Alves Barbosa

Comunicação para o Congresso

“Sahagun e os Caminhos de Santiago em Espanha”

No contexto da reconquista cristã da península e no que respeita ao território que passou a fazer parte do reino de Portugal centrado do, ponto de vista religioso, na cidade e diocese de Braga, a influência da Ordem de Cluny haveria de ser determinante quer do ponto de vista religioso quer do ponto de vista político. Ao mesmo tempo, não seria exagerado dizer que o Mosteiro de Sahagún constitui o ponto central de todo um processo que haveria de levar à definição de todo um conjunto de elementos básicos para a tradição litúrgica bracarense. No presente contexto, convém assinalar que "no estudo do aparecimento e nas deslocações das peças novas do repertório liturgico-musical aquitano é necessário ter em conta a importância dos caminhos das grandes peregrinações¹.

Os documentos que chegaram até nós não permitem descortinar elementos reveladores da implantação da liturgia hispânica no território portugalense, nem muito menos algo que tenha a ver com uma concretização dos princípios da liturgia romana aqui aplicada desde o séc.VI. Por isso mesmo, só no período da reconquista cristã e da reorganização da diocese de Braga poderemos encontrar os elementos base da liturgia bracarense.

A supressão da liturgia hispânica pelo Concílio de Burgos em 1081 é seguida de um conjunto de situações que dariam à implantação do rito romano uma dimensão

particular de que Braga haveria de ser um dos principais representantes. Efectivamente, tem lugar por esta altura a crise provocada no Mosteiro de Sahagún por Roberto de Cluny, anteriormente empenhado na reforma gregoriana, mas agora, possivelmente influenciado por alguns monges, voltado contra a sede romana e mesmo contra o próprio S. Hugo de Cluny. Afonso VI, comprometido com a ordem clunyacense e interessado fundamentalmente em usufruir dos benefícios que poderiam advir da unidade religiosa, pede a S. Hugo que mande para Sahagún alguns monges, a fim de restabelecer a ordem no mosteiro².

Entre esses monges encontra-se o Abade Bernardo de Salvétat que haveria pouco depois de ser nomeado Bispo de Toledo; muitas outras sedes de León e Castela haveriam de ser ocupadas por bispos oriundos da região aquitana: Moissac, Limoges, etc. No sentido de concretizar a implantação da reforma gregoriana e ao mesmo tempo renovar a vida religiosa e cultural da sua diocese, Bernardo toma como seu colaborador o monge Geraldo, vindo de Moissac³, figura já notória pela integridade de costumes e considerável sabedoria.

Em 1089 e sendo bispo D. Pedro, era sagrada a Catedral de Braga, numa cerimónia presidida pelo próprio Bernardo de Toledo na qualidade de Legado Pontifício, usando para esse efeito a liturgia romana⁴. D. Pedro era, pouco depois, em 1092, destituído da sé bracarense por questões com Roma derivadas da luta pela dignidade de Metropolitana dando origem a um período de vacância exageradamente longo, provavelmente resultante dos conflitos inerentes às pretensões de Braga em diversificados campos não sendo de menor importância certamente o litúrgico. Só em 1096 ocupa a Sé bracarense o Bispo Geraldo colaborador de Bernardo de Toledo.

1. Acção do Bispo S. Geraldo

Nascido na região aquitana de Cahors, e muito cedo confiado ao Mosteiro de Moissac, Geraldo alimentou desde logo um interesse particular pela Sagrada Escritura, sendo ao mesmo tempo versado nas artes e nomeadamente na música⁵. Em Toledo haveria de desempenhar variadas tarefas entre as quais a de "reger a capela da Igreja de Toledo e ensinar os clérigos"⁶ A diocese de Braga já notoriadamente marcada por uma longa vacância que vem a agravar ainda mais a crise que a provocara e, na impossibilidade de se encontrar entre o clero bracarense alguém capaz de assumir a sede episcopal, entre várias pessoas propostas, vê com bons olhos a vinda da figura conhecida de Geraldo desinteressadamente entregue aos cuidados do seu ofício e à observância de Regra que sempre cuidou.

S. Geraldo é então sagrado bispo em Toledo⁷ ou mais provavelmente em Sahagún⁸, e destinado à diocese de Braga, solução que agradava, em princípio, ao clero bracarense pela sua fama de integridade e interessava não menos ao rei Afonso VI como ao Conde D. Henrique já governador do Condado Portucalense, ambos empenhados na reforma gregoriana e comprometidos com a ordem cluniacense. Já na Diocese de Braga, S. Geraldo viria a desenvolver uma acção relevante na reforma moral e administrativa da diocese, conseguindo através de visitas pastorais eliminar a maioria dos focos de resistência anti-romana da diocese⁹.

Numa acção pastoral assente fundamentalmente na implantação da liturgia romana, S. Geraldo começa por dotar a sua Igreja dos meios necessários tanto a nível de alfaias litúrgicas como de livros. Efectivamente, na biografia escrita pelo seu amigo e colaborador Frei Bernardo, fala-se de que "na sua diocese, instituiu um "pulchrum et optimum conventum" (assembleia ou mesmo cabido) e aí mandou confeccionar muitas insígnias pontificais, e muitas outras alfaias, a saber: cálices de prata, capas de asperges

e outras de seda, "livros divinos..."¹⁰ Se bem que para a maior parte dos autores a expressão "libros divinos" se possa entender como livros litúrgicos, parece-nos mais razoável não só aceitar a dúvida deixada por P. Romano Rocha¹¹, mas relacionar talvez esta expressão com a Sagrada Escritura, tendo em vista o contexto. Efectivamente, Bernardo escreve que "porque ele (Geraldo) desejava sem dúvida reconfortar-se com o pábulo da Sagrada Escritura, elegeram-no guarda do armário onde se guardavam os livros divinos, na desobriga de cujo mister se conservou por muitos anos". Não nos parece que numa época de convulsões litúrgicas e em que não havia uma definição das coisas tão clara quanto nos tempos posteriores se apelidasse de livros divinos os livros litúrgicos...

Esta mesma passagem apontaria para a confecção local dos livros litúrgicos, mas para tal teria que contar com fontes sem dúvida trazidas de França e portadoras da tradição litúrgica romano franca veiculada por Cluny. Efectivamente, o códice mais antigo existente em Portugal que manifesta um relacionamento com a actual liturgia bracarense é o chamado *Missal de Mateus* descoberto em 1926 e posteriormente editado¹². Este Missal, de origem francesa, provavelmente copiado em Limoges no segundo quartel do século XII, representa a liturgia praticada na região de Quercy concretamente nos mosteiros de Figeac e Moissac, precisamente de onde veio S. Geraldo¹³. Além deste códice, possuímos um *Pontifical do século XII* (Ms. 1134 da Biblioteca Municipal do Porto) e um *Pontifical do Século XIII* (Ms. Alc. 92 da Biblioteca Nacional de Lisboa)¹⁴. No que respeita ao Ofício Divino o mais antigo documento é um Breviário do Século XIV-XV, conhecido como *Breviário de Soeiro* (Ms. 657 da Biblioteca Pública de Braga)¹⁵. Para além disso podemos contar com fragmentos de códices litúrgico-musicais uma boa parte dos quais foi recentemente objecto do nosso estudo.

2. Elementos musicais

No que respeita ao repertório litúrgico musical, para além de alguns raros exemplos presentes nos Pontificais referidos, possuímos apenas fragmentos de códices e não muitos, que poderão situar-se pelos séculos XII-XIII nomeadamente pelo facto de utilizarem a escrita carolina francesa e o sistema aquitano de notação musical: diastemática e com uma linha de altura modalmente definida. Na sua maioria são fragmentos de Missais, o que demonstra uma predominância do sentido prático aliada a uma relativa simplicidade para não dizermos pobreza e urgência na sua confecção. Ainda que dos elementos actualmente disponíveis não possamos com evidência demonstrar o lugar de elaboração dos códices, parece-nos de aventar a hipótese de um scriptorium local revelado por uma certa inexperiência que transparece dos manuscritos¹⁶: denota alguma originalidade a abreviatura "aen" ou "en" para "Amen" juntamente com "Aeuia" para "Alleluia"; assinalaremos alguns exemplares de fragmentos de transição em que é utilizada a escrita visigótica a par da notação musical aquitana;¹⁷ o aparecimento de algumas gralhas revelará possivelmente uma pronúncia local; outras, uma certa ignorância de latim.

Do ponto de vista musical, ao simplificar de maneira significativa o sistema de notação musical aquitano, representado nos graduais de Saint Yrieix e de Albi, nota-se mesmo o desconhecimento de alguns elementos fundamentais do mesmo sistema, a saber: o significado do guião para as mudanças de clave e a exclusão do significado melódico-rítmico especial de alguns dos neumas aquitanos¹⁸. Relevante ainda o facto de que, enquanto a cópia do repertório aquitano por parte da maior parte das regiões de Espanha resultou numa espécie de fusão da neumática visigótica com a aquitana, de modo a originar quase um novo sistema de notação como o catalão, de características neumáticas definidas, no caso português, a componente aquitana de notação por pontos predomina de uma forma exclusiva o que denota possivelmente o prático

desconhecimento do sistema visigótico entre nós ou pelo menos uma escassa utilização¹⁹.

Referiremos algumas particularidades de ordem musical que caracterizam o repertório aquitano e possivelmente de proveniência galicana e presentes nos nossos manuscritos: alongamento melismático da sílaba "e" de Alleluia; fórmulas em progressão melódica por vezes ingénuas; as entoações de quinta sub-tónica depois da cadência intermédia; uso inadequado da centonização com adaptação de fórmulas a textos e contextos diferentes do original; a manutenção da corda "si" como dominante de Mi e Sol plagal e como terceira de Sol autêntico que nas outras tradições passa a "do".

Relativamente ao repertório presente nos fragmentos de Braga e até agora estudados, encontrámos um total de 36 fragmentos com cantos da Missa, predominantemente do comum e com particular incidência no tempo de Quaresma e Pascal. Revelam um compromisso com a tradição litúrgica aquitana (caso dos diferentes versículos dos Alleluia ou mesmo na profusão dos Alleluia dentro do mesmo formulário) ao mesmo tempo que não apresentam qualquer exemplar dos Tropos abundantes nos Graduais aquitanos como o de Saint Yrieix. Dos cantos da Missa pudemos transcrever um total de 116, havendo no entanto alguns mais cuja transcrição se revelou mais difícil. Não encontrámos nenhum exemplar de repertório que possamos rotular de local o que denota não só uma total fidelidade ao repertório romano-franco, mas também uma impossibilidade compreensível em pensar na composição de repertório quando o importante seria certamente divulgar o pouco com que se podia contar. Este facto representa no entanto um ponto bastante positivo: a grande aproximação do nossos manuscritos às particularidades e rigor rítmico-melódicos dos códices mais antigos como o *Cantatorium de Saint Gall*²⁰.

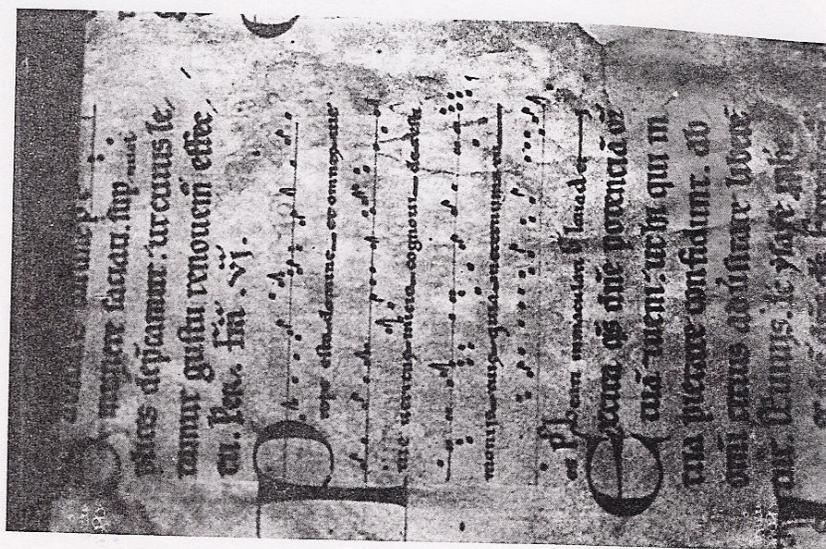
3. O repertório musical do Ofício

Relativamente ao repertório do Ofício Divino, chegaram-nos dois folios de Antifonário com escrita visigótica e notação aquitana, e umas quatro dezenas de folios pertencentes a códices, sobretudo Antifonários, em escrita carolina e notação aquitana. O repertório ainda não estudado em pormenor, e aqui inventariado pela primeira vez, situa-se muito particularmente no âmbito da Quaresma e Semana Santa e algumas peças do Santoral. A proveniência, no que diz respeito a códices, é muito variada denunciando, tal como acontecia com o repertório da Missa, um sentido bastante prático. Se bem que na maior parte dos casos se trata de Antifonários, há fragmentos que parecem pertencer a Responsoriais. Como se pode ver, estamos em presença de um repertório que guarda uma estreita relação com o romano e mesmo com o *Breviário de Soeiro*, salvo raras excepções. Faltando ainda um estudo pormenorizado do repertório a nível musical, poderemos no entanto notar de momento a proximidade à liturgia romana, mas musicalmente notam-se, à primeira vista, algumas variantes mais ou menos no mesmo sentido do que encontrámos no repertório da Missa.

E é isto o que de momento se poderá dizer no respeitante às origens da liturgia bracarense e sobre o repertório musical relativo à mesma. Se é notória a influência de Cluny, não menos relevante é o facto de essa influência não se restringir a Braga, nem muito menos justificar o que depois foi constituindo as particularidades do rito sobrevivente ao Concílio de Trento sob a capa da antiguidade de duzentos anos. Por outro lado, não será fácil ainda hoje demonstrar o verdadeiro alcance da reforma levada a cabo por S. Geraldo e nesse aspecto tem razão Mons. J..A. Ferreira²¹. Pelo que a documentos respeita, a sua maioria é posterior ao tempo de S. Geraldo. Por isso, deveremos limitar-nos a ir revelando os poucos elementos que nos demonstram, pelo menos, a ressonância local da reforma gregoriana e no caso particular da linguagem musical.

APÊNDICE

O Inventário, de carácter provisório, aqui apresentado refere-se aos fragmentos publicados em “fac símile” por A.J. Costa em *A Biblioteca e o Tesouro da Sé de Braga nos séc. XV a XVIII*, Braga, 1985 e aqui assinalados com E (estampas de fac-símile) e ao material existente nas pastas com numeração provisória do Arquivo Distrital de Braga que vêm assinalado com F (fragmento) e número. Este material vem ordenado segundo a função litúrgica tendo como base a obra de P.R. Rocha *L'Office Divin au Moyen Age dans L'Église de Braga*, Paris, 1980 que segue o *Breviario de Soeiro* (s.XV); a numeração na coluna BS refere-se à página desta obra. Finalmente, na última coluna vem o número relativo a cada peça na obra de J.HESBERT, *Corpus Antiphonarium Officii*, Roma, 1963-70 (CAO) que constitui o ponto de referência para catalogação das peças do Ofício. A dificuldade de leitura de muitos dos manuscritos pelo seu estado de conservação, juntamente com algumas limitações de várias ordens para um estudo mais aprofundado, bem como o espaço disponível conferem a este inventário um carácter provisório até pela impossibilidade, de momento, em oferecer uma visão global do material existente.



FRAGMENTO n. 11, p. 4 A. D. BRACA
— Notacal agutauca . S. XII - XIII —

REPERTORIO MUSICAL DO OFICIO DIVINO
(Inventário provisório)

	EST	FR	BS	CAO
DOMINICA IV DE ADVENTU				
In II Nocturno				
R/ Me oportet / Ego quidam baptizavi	E 31		114	6596
R/ Ecce jam venit / Propter	E 31		114	7137
R/ Virgo Israel / In caritate	E 31		114	7903
In III Nocturno				
R/ Non discedimus / Memento nostri	E 31		114	7227
IN EPIPHANIA DOMINI				
R/ Videntes stellam / Ab oriente	E 47		123	7864
R/ Stella fulgente / Et intrantes	E 47		123	-
R/ Surge et illuminare (inc.)	E 47		-	-
DOM. I IN QUADRAGESIMA				
R/ Ecce nunc tempus / In omnibus	E 44		138	6600
R/ Paradisi portas / Ecce nunc	E 44		138	7348
IN...				
R/ Misericordia et iudicium		F 81	-	-
R/ Domine exaudi		F 81	-	-
Ad Vesperas				
A. Et omnes consuetudines		F 81	131	2713
DOM. III IN QUADRAGESIMA				
A. Cumque audisset		F 30	145	
R/ Salus nostra / Venerunt Quoque		F 30	145	7559
R/ Loquens Jopseph / Nollite timere		F 30	145	7102
In laudibus				
A. Fac benigne		F 30	145	2829
A. Dominus mihi adjutor est		F 30	145	2417
A. Vim virtutis suae		F 30	145	5424
Ad Ben. Erat Dominus Jhesus		F 30	145	2656
Ad Primam				
A. In digito Dei eicio		F 30	145	-
Ad Tertiam				
A. Dum fortis armatus		F 30	145	2456
R/ Bonum in mihi Domine / Manus tuas		F 30	145	6257
DOM. IV IN QUADRAGESIMA				
Inv. Hodie si vocem Domini		F 85	146	
FERIA III IN HEB SANCTA				
R/ Expandi manus meas / (Qui dicunt)		F 146	152	6698
R/ Insurrexerunt in me / Effunderunt in laudibus		F 146	152	3616
In laudibus				
A. Libera me de sanguine		F 146	152	3616
A. Contumelias et terrores	E 43/46	F 146	152	1913
A. Ipsi vero	E 43/46	F 146	152	3408
A. Omnes inimici mei	E 43/46	F 146	152	4126
A. Alliga Domine	E 43/46	F 156	152	1355
Ad Ben. Ancilla dixit Petro	E 43/46	F 156	152	1394
Ad Primam				
A. Nunc clarificatus	E 43/46	F 146	152	3974
Ad Tertiam				
A. Scriptum est	E 43/46	F 146	152	4835
Ad Sextam				
A. Rogabo Patrem		F 146	152	4662
Ad Vesperas				
Ad Magn. Filiae Jherusalem		F 146	152	2876

	EST	FR	BS	CAO
FERIA V IN COENA DOMINI				
Ad Sextam				
A. Simon Dormis		F 177	151	4959
Alia Ant. Petrus autem sequebatur		F 177	155	4285
Ad Vesperas				
A. Calicem salutaris		F 177	154	1754
A. Cum his qui oderunt me		F 177	154	2009
A. Custodi me		F 177	154	2082
A. Considerabam	E 33	F 177	154	1891
Ad Magn. Coenantibus autem	E 33	F 177	154	1781
FERIA VI IN PARASCEVE				
Ad Matutinum				
In I Noct.				
A. Astiterunt reges terrae	E 33		155	1506
A. Diviserunt sibi	E 33		155	2260
A. Insurrexerunt	E 33		155	3358
V/ Diviserunt sibi	E 33		155	8020
Lam 2m 5-6				
R/ Omnes amici mei / Et dederunt	E 33		155	7313
Lam 2, 7-8				
R/ Velum templi / Petre scisse sunt	E 33		155	7821
Ad Laudes				
A. Anxiatu est in me		F 134	155	1442
A. Ait latro ad latronem		F 134	155	1316
A. Dum conturbatus fuerit		F 134	155	2444
Ad Ben. Calicem		F 134	-	1754
Ad Primam				
A. Cum accepisset		F 134	156	1970
SABBATO SANCTO				
Ad Matutinum				
In I Noct.				
A. In pace in idipsum		F 134	156	3265
A. Habitavit in tabernaculo		F 134	156	2987
A. Caro mea		F 134	156	1775
HEB. POST ASCENSIONE DOMINI (?)				
R/ Tempus est		F 90	171	7758
R/ Viri Galilei		F 90	169	7094
R/ Spiritus Sanctus		F 90	-	-
R/ Loquebantur variis linguis		F 90	172	7100
IN OCT. PENTECOSTIS				
In Laudibus				
Ad. Ben. Homo quidam		F 175	186	3133
In Vesperis				
Ad Magn. Elevans autem		F 175	186	2632
SABBATO IN OCT. PENTECOSTIS				
Ad Matutinum				
In II Noct.				
R/ Summe Trinitati / Prestet nobis		F 101	174	7718
In III Noct.				
A. Charitas Pater		F 101	174	1773
A. Una igitur		F 101	174	5267
A. Verax est Pater		F 101	174	5358

	EST	FR.	BS	CAO
R/ Benedicamus Pater et Filium / Benedictus		F 101	174	6239
R/ Honor virtus / Trinitati lux		F 101	174	6870
R/ O beata Trinitas / Tibi laus		F 101	174	7254
V/ Tibi laus tibi gloria		F 101	175	3992
In Laudibus				
A. O Beata et benedicta		F 101	175	3990
A. O vera summa		F 101	175	4086
Ad Ben. Cum eutem venerit paraclitus		F 101	171	1991
In Vesperis				
Ad Magn. Haec locutus		F 101	171	3011
DOM. I MENSIS AUGUSTI				
A. Ecce rex David		F 59		
R/ In principio Deus / Quando preparabat		F 59	182	6924
R/ Gyrum coeli / Ego in altissimis		F 59	182	6793
DOM. I MENSIS OCTOBRIS				
A. Adaperiat Dominus	E 38		185	1257
A. Exaudiat Dominus	E 38		165	2772
A. Ornaverunt faciem	E 38		-	-
A. Tu Domine	E 38		-	-
R/ Apperi coelos 7 Miserere	E 38		-	-
R/ Tu Domine unigeniti / Et nunc Domine	E 35		-	-
A. Congressi sunt	E 35		185	-
R/ Refulsit sol / erat enim		F 91	185	7518
R/ Dixit Judas Simon / Accipimini		F 91	185	6478
R/ In Hymnis et confessionibus / Ornaverunt		F 91	185	6905
R/ Hic est fratris amator / Vir iste		F 91	185	6824
R/ Apperi oculos / Afflige		F 91	185	6109
R/ Tu Domine universorum / Qui liberas Israel		F 91	185	7786
In Laudibus				
Ad Ben. Adolescens tibi dico		F 91	-	-
In Vesperis				
Ad Magn. Accepit autem		F 91	-	-
IN FESTO BEATI STEPHANI				
Ad Matutinum				
In I Noct.				
R/ Stephanus autem / Surrexerunt	E 45		208	7702
R/ Surrexerunt quidam / Commoverunt	E 45		208	7735
R/ Cum esset plenus / Et clamans	E 45		208	6364
In II Noct				
A. Commoverunt plebem	E 45		208	-
A. Videbant omnes Stephanum	E 45		208	5381
A. O quam gloriosus et beatus Stephanus		F 163	208	4064
IN FESTO JOHANNIS APP. ET EVANG.				
In I Vesperis				
Ad. Magn. Diligebant autem		F 163	209	2032
Inv. Adoremus Regem apostolorum		F 163	209	1013
In I Noct				
A. Johannes Appostolus		F 163	209	3495
A. Supra pectus Domini		F 163	209	5068
R/ Valde honoratus / Virgo et electus		F 125	209	7817

	EST	FR	BS	CAO
In II Noct (?)				
A. Quasi unus de paradisi		F 125	209	4451
In Laudibus				
Ad Ben. O Beatum pontificem	E 39		-	-
IN NACT. SANCTI MART. FABIANI ET SEBASTIANI				
In I Vesperis				
Ad Magn. Beatus es	E 39		216	1623
In die ad Matutinum				
In I Noct.				
Inv. Adoremus Dominum	E 39		216	1010
A. Sebastianum Mediolanensis	E 39		216	4843
A. Erat enim in sermonem verax	E 39		216	2653
A. Christo quotidie	E 39		216	1789
In II Noct.				
A. Ad hoc tantum sub chlamide	E 39		216	1245
IN F. ASSUMPTIONIS BEATAE VIRGINIS				
Ad Tertiam				
R/ Veni electa / Audi filia	E 43		260	7826
R/ Exaltata est sancta Dei Genetrix / Super choros	E 43		260	-
Ad Vesperas				
Ad Magn. Hodie Maria Virgo	E 43		260	3105
PER OCTAVA				
A. Exaltata est Sancta Dei Genetrix	E 43		261	2762
A. Paradisi Portae	E 43		261	4215
A. Sicut myrra electa	E 43		261	4942
A. Benedicta tu	E 43		261	1709
A. Dignare me laudare te	E 43		261	2217
A. Hec est quae nescivit thorum	E 43		261	3001
A. Sicut laetantium	E 43		261	4936
A. Ave gloriosa Dei genetrix	E 34		261	-
A. Beata mater	E 34		261	1570
A. Sub tua protectione	E 34		261	5040
A. Ortus conclusus es Dei Genetrix	E 34		261	7137
A. Sancta Maria succurre miseris	E 34		262	4703
A. Ibo mihi ad montem myrrae	E 34		262	3160
Ad. Ben. Sanctum est verum lumen		F 115	276	4768
IN EXALT. SANCTAE CRUCIS				
Ad Matutinum				
A. Sancti justi		F 117	-	-
A. Ego sum vitis vera		F 117	234	
A. Crux alme fulgebit		F 117	-	
A. Crux benedicta nitet Dominum		F 117	270	1961
R/ O magnum / In cruce		F 117	234	7274
In Laudibus				
A. Ecce crucem Domini		F 117	270	2500
A. Tuam Crucem		F 117	270	5222
A. Alesit mihi gloriari		F 117	270	-

IN VIGILIA OMNIUM SANCTORUM	EST	FR	BS	CAO
Ad Primam				
A. Te gloriosus apostolorum chorus		F 115	275	5118
Ad Tertiam				
A. Beati eritis		F 115	275	1580
R/ Laudem dicite Deo nostro		F 115	275	7079
IN FESTO BATI MARTINI				
A. Beatus Martinus	E 26		-	-
A. Sacerdos Dei	E 26		281	4671
IN FESTO SANCTAE CECILIAE				
In Laudibus				
A. Cantantibus organis		F 29	282	1761
Ad Ben. Virgo gloriosa		F 29	282	5451
IN DIE S. CLEMENTI PP. ET MR.				
In I Vesperis				
Ad Magn. Invenerunt in modum		F 29	282	3395
Ad Matutinum				
Inv. Adoremus Deum		F 29	282	-
R/ Oremus omnes ad Dominum / Qui percessit		F 29	283	7337
R/ Ora pro nobis beate Clemens / Tu autem sacerdos		F 29	283	7326
IN DEDICATIONE ECCLESIAE				
Ad Matutinum				
In II Noct.				
R/ Domus mea / Petite et accipietis	E 42	F 162	291	6527
In III Noct.				
A. Aedificavit Moyses		F 162	291	1299
A. Qui habitat		F 162	291	4474
A. Templum Domini		F 162	291	5128
R/ O quam metuendus est/ Erit mihi	E 42	F 162	291	7286
R/ Luce splendida / Beati erunt	E 42	F 162	291	7103
In Laudibus				
A. Domum tuam Domine	E 42		291	2425
A. Domus mea domus orationis	E 42		291	2428
Haec est Domus Domini	E 42		291	2998
IN FESTO SANCTI SIMPHONIANI				
Ad Ben, In tormenta fortis		F 71		
A. Gloriose genetrix		F 71		
COM. VIRGINUM				
Ad Magn. Veni sponsa Christi		F 173		5328
COM. CONFESSORUM				
Ad. Magn. Sancte confessor		F 173		
A. Virgam virtutis tuae		F 173	194	5441

¹ M.HUGLO, "La tradición musical aquitaine; répertoire et notation" in *Cahiers de Fanjeux*, n° 17, Toulouse, 1982, p. 256.

² Cfr. PIERRE DAVID, *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VI au XII siècle*, Portugália Editora, Lisboa, 1947, p. 419.

³ Moissac e Cahors encontram-se geograficamente no "caminho" que ligava Notre Dame du Puy com o tronco fundamental do chamado caminho francês; por sua vez, Limoges pertencia ao "caminho que levava a La Madeleine de Vezelay (Cfr. M.DUPUY, *Les Grandes Heures d'Aquitaine*, Paris, 1975, p. 114).

⁴ Cfr. PEDRO ROMANO ROCHA, *L'Office divin au Moyen Age dans l'Église de Braga*, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian e Centro Cultural de Paris, 1980, p.43.

⁵ Cfr. Fr. BERNARDO, Vita Beati Geraldi, in *Portugaliae Monumente Historica*, Scriptorum, vol.I, e D. BERNARDO, *Vida de S. Geraldo*, trad. de José Cardoso, Liv. Cruz, Braga, 1959, p. 6.

⁶ *ibid.*

⁷ "Finalmente, na cidade, o Arcebispo de Toledo e o Nuncio da Santa Igreja Romana, vencido de tantas e de tão insistentes preces aquiesceu a sua petição e consagrou Bispo ao Beato Geraldo na Igreja de S. Fernando" (BERNARDO, *Vida de S. Geraldo*, p. 9)

⁸ Cfr. MATTOSO, "O Condado Prtucalense" in *Historia de Portugal*, ed. de José Hermano Saraiva, Ed. Alfa, Lisboa, 1983, vol. I, p.442. Já a mesma opinião vem em RIBEIRO, *Dissert. Chronologicas*, III, p. 54 e *Liber Fidei*, nº 231, cit. in JOSE AUGUSTO FERREIRA, *Estudos Historico-Litúrgicos*, Coimbra, 1924.

⁹ Cfr. MATTOSO, *o. cit.* 422. Um aprofundamento do contexto de toda esta questão se poderá ver em ALVES BARBOSA, J. "A Música na Liturgia Bracarense nos séc. XII e XIII" in *Modus*, Vol. 3, 1989-92, p. 81-98, bem como na Bibliografia aí apontada e que estão na base desta comunicação.

¹⁰ BERNARDO, *o. cit.* p. 10.

¹¹ PEDRO ROMANO ROCHA, *o. cit.* p. 43, nota 49.

¹² *Missal de Mateus*, Manuscrito 1000 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga, Introdução e notas de Joaquim de Oliveira Bragança, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1975. Fora anteriormente descoberto e divulgado por Pierre David.

¹³ *ibid.* p. XXXVIII, opinião justificada por elementos quer de ordem paleográfica quer de ordem litúrgica, nomeadamente pelo estudo do Calendário Litúrgico.

¹⁴ O primeiro estudado por Joaquim de Oliveira Bragança em *Didaskália*, VII (1977), p. 309-397 e o segundo em *Boletim Internacional de Bibliografia Luso Brasileira*, IV(1963) p. 637-645.

¹⁵ Estudado por Pedro Romano Rocha na obra já anteriormente citada que o tem como base de trabalho. Trata-se de um ms. do séc. XV, mas é cópia de um outro dos princípios do séc. XIV que por sua vez copia um antigo Leccionário em uso na Catedral de Braga no séc. XIII.

¹⁶ O mesmo terá acontecido na região castelhana-leonesa, onde, segundo refere Ismael Fernandez de la Cuesta, as primeiras cópias teriam sido feitas pelos próprios imigrantes (ISMAEL FERNANDEZ DE LA CUESTA, *Historia de la Musica Española, 1. Desde los origenes hasta el Ars Nova*, Alianza Editorial, Madrid, 1982, p. 222.

¹⁷ O mesmo que acontece num Missal plenário de San Miguel de la Cogolla ou no Missal de Orense (Archivo de la Catedral, 14) e outros. Cfr. FERNANDEZ DE LA CUESTA, *ibid.*.

¹⁸ No nosso trabalho já citado desenvolvemos estes aspectos relacionados com o sistema aquitano e o seu emprego nos manuscritos portugueses. Em poucas palavras: notação por pontos sobrepostos e em linha única tem um significado melódico: terceira nos modos autênticos e fundamental nos plagais.

¹⁹ Veja-se FERNANDEZ DE LA CUESTA, *o. cit.* p. 219-221.

²⁰ Cfr. ALVES BARBOSA, *o. cit.* p. 238-249.

²¹ J.A. FERREIRA, *Estudos Historico Liturgicos, os ritos particulares das Igrejas de Braga e Toledo*, Coimbra, 1924, p. 110. Refere este autor que o facto de S. Geraldo ter porventura realizado algumas reformas na liturgia, introduzindo elementos cluniacenses, etc, não permite, como chegou a assegurar-se, aceitar o facto de ele ter reformado e organizado a Liturgia de Braga. Efectivamente, em poucos anos de episcopado e tendo em conta o tipo de problemas que posteriormente foram surgindo ao longo da História, é perfeitamente lógico e honesto ficarmo-nos por aqui.